

Introdução

Apesar de a relação pais-bebê começar a ser construída antes do nascimento do filho (Freud, 1914), é comum que a notícia da gestação desperte sentimentos ambivalentes. A percepção sobre o apoio do cônjuge e da família extensa aparece como fator importante para as novas mães (Frizzo, Kahl & Oliveira, 2005; Frizzo, Schneider, Piccinini & Diehl, 2013) auxiliando ou dificultando na aceitação da gestação. Além das dificuldades inerentes à constituição da parentalidade, a depressão pós-parto materna pode repercutir negativamente nas primeiras relações mãe-bebê e isso pode ter consequências para o desenvolvimento da criança e para a imagem que a mãe faz de si mesma como mãe. O contexto de depressão também pode influenciar a forma como as mães percebem e relatam a gestação e a chegada do filho (Schwenber & Piccinini, 2005) sendo fundamental o apoio familiar nesse contexto (Rapoport e Piccinini, 2006).

Em função dessa complexidade, o presente estudo teve como objetivo principal investigar como mães deprimidas relataram ter recebido a notícia da gestação, bem como a sua percepção sobre a reação do cônjuge e da família extensa. Foram relacionadas as percepções maternas e paternas e, mais especificamente, buscou-se investigar como as reações dos familiares podem ter influenciado os sentimentos da mãe em relação à gestação.

Metodologia

Participantes: Quatorze famílias, mães e pais que se residiam juntos. Média de idade das mães de 34,07 (dp=8,11) anos, Média de idade dos pais de 34,07 (dp=8,04) anos e dos bebês 5,31 (dp=0,75) meses. Derivados do estudo “O impacto da psicoterapia para a depressão materna e para a interação pais-bebê: estudo longitudinal do nascimento ao segundo ano de vida do bebê – PSICDEMA”

Delineamento: Estudo de casos múltiplos cruzados com ênfase às particularidades e semelhanças (Yin, 2001).

Instrumentos:

- Inventário Beck de Depressão (Beck & Steer, 1993; Cunha, 2001), para constatação do nível de depressão dos participantes;
- Entrevista Diagnóstica (GIDEP/NUDIF, 2003), baseada nos critérios diagnósticos do DMS-IV-TR;
- Entrevista de Dados Demográficos (GIDEP/NUDIF, 2003);
- Entrevista sobre a Gestação e o Parto (GIDEP/NUDIF, 2003).

Análise de Dados: Análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977) seguindo o modelo aberto (Laville & Dione, 1999) com o auxílio do software NVivo10.

Resultados e Discussão

REAÇÃO	MÃE	PAI
Felicidade	“Ah, muito feliz, né? Eu enjoada... Ficava enjoada e feliz. Eu disse: “Se eu tô enjoada, é porque eu tô grávida”. Então, eu achava bom. Eu não achava ruim ficar enjoada!” (Caso 5)	“[...]Quando ela confirmou que tava grávida foi uma festa. Pelo menos pra nós, em casa, assim, foi muito, muito legal. Eu curti muito essa idéia aí de ser papai de novo” (Caso 15)
Indiferença	“[...] Eu fiquei sem reação. Até foi uma colega minha junto comigo, que ela faz um curso de técnico de enfermagem, né, (...), aí eu disse, bom o negócio é assumir, né (...) fosse a situação que fosse (...)” (Caso 1)	“[...]gente não falou, a gente decidiu que não ia mais falar sobre o assunto, então nós... Ela tava grávida como se tivesse com um, sei lá, um tersol no olho e, tá, deixa o tersol aí. A gente deixou assim”. (Caso 5)
Rejeição	“Fiquei apavorada, eu não queria. Deus é pecado dizer isso agora, mas no começo eu não queria. Eu até pensei em querer tirar, coisa assim né. [...]” (Caso 16)	“Daí, quando eu soube que ela tava grávida, né, eu pedi pra ela tirar o nenê. Daí ela disse que não ia tirar, né? Ela disse que não ia tirar. Daí, passou uns tempos, nasceu, né? Não tinha nada o que fazer mais, mesmo. Daí ela nasceu, e aí agora tá aí, né?” (Caso 23)
Surpresa	“Eu fiquei feliz porque, assim, eu acho que eu já não esperava mais.” (Caso 14)	“Surpreso, assim. [...] Simplesmente ela chegou com o... “Ah, tô grávida!”. (Caso 14)
Choque	“Foi assim: Eu fiquei extremamente abalada, no sentido: “Como é que vai ser?”. O meu relacionamento com o João era muito recente [...]. Então foi assim, um impacto [...] (Caso 18)	“É, pra mim, foi um choque, porque eu também tinha medo de ela..., por causa dos problemas dela, eu também tinha medo, né, que fosse acontecer alguma coisa mais grave com ela, eu também senti chocado no começo” (Caso p2)

• Sentimentos referidos nos relatos mais ligados à rejeição - mais frequentes na fala das mães do que dos pais. Pensando no contexto da depressão materna, a rejeição por parte das mães seria mais esperada conforme aponta a literatura, já que tal sintomatologia provoca mais impressões e sentimentos negativos das mães em relação a seus bebês (Frizzo et al, 2013).

• Sentimentos ambivalentes também foram encontrados nos relatos das mães. A literatura aponta que a descoberta da gravidez pode despertar sentimentos diversos e ambivalentes, como surpresa, alegria e medo. Essa ambivalência pode ser característica da própria maternidade, mas também ser em função de sintomas depressivos. (Maldonado, 2000; Schwengber & Piccinini, 2005)

• Da mesma forma, verificou-se a falta de sentimentos e a indiferença nos relatos paternos. Um dos possíveis entendimentos para tal achado é da paternidade ser mais assimilada pelos pais após o nascimento da criança, diferente das mães que já teriam as mudanças físicas que culminariam em uma representação mais concreta da criança e logo da tarefa da maternidade (Maldonado, 2000; Levandowski & Piccinini, 2006). Um outro entendimento seria de que os pais, ao em vez de se preocuparem diretamente com o novo filho, teriam a função de dar apoio a mãe, no cuidado mais com o ambiente externo, servindo como base para que ela possa dedicar-se efetivamente a maternidade (Stern, 1997; Winicott, 1960/1983), o que pode ter repercutido nessa suposta indiferença nos relatos paternos. Da mesma forma, é socialmente esperado que as mães tenham mais reações com relação à chegada do filho do que o pai, em função do mito do instinto materno (Badinter, 1985).

Referências

- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- Beck, A.T. & Steer, R.A. (1993). Beck Depression Inventory. Manual. San Antonio: Psychological Corporation.
- Berthoud, C. M. E. (1998). Formando e rompendo vínculos: a grande aventura da vida. In *Ensaio sobre formação e rompimento dos vínculos afetivos* (2a ed., pp. 15–46). Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- Cunha, J.A.(2001) Escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Frizzo, G. B., Kahl, M. L. F., & Oliveira, E. D. (2005). Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. *Psico*, 36(1), 13-20.
- Frizzo, G.B., Schneider, M.C., Piccinini, C.A., Diehl, A.M.(2013) Impressões sobre a maternidade no contexto da depressão pós-parto na adolescência.(Artigo não publicado)
- GIDEP/NUDIF (2003b). Entrevista Diagnóstica. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- GIDEP/NUDIF (2003c). Entrevista de Dados Demográficos. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- GIDEP/NUDIF (2003d). Entrevista sobre a Gestação e o Parto. Instituto de Psicologia UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Laville, C., & Dione, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levandowski, D.C. & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psic.: Teor. e Pesq.* v. 22, no. 1.
- Maldonado, M. T. (2000) Psicologia da gravidez. São Paulo: Saraiva.
- Schwengber, D. D. S. & Piccinini, C. A. (2005). A Experiência da maternidade no contexto da depressão materna no final do primeiro ano de vida do bebê. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 22, 143-146.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais-bebê* (M.V.A. Veronese, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas
- Rapoport, A., & Piccinini, C. A. (2006). Apoio social e experiência da maternidade. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 16(1), 85-96.
- Winicott, D. W. (1983). Teoria do Relacionamento Paterno-Filial. In: D. W. Winicott. *O Ambiente e os Processos de Maturação* (pp. 38- 54). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1960).